

# RESENHA: Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaços

**Rodrigo Rossi**

Grupo de Estudos Territoriais / UEPG

mimdigo@gmail.com

Resenha: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Orgs.). **Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaços**. Ponta Grossa: Toda Palavra. 2013. 400p.

Materializada pelo ato da fala e nas convencionais formas discursivas da produção científica, a ordem do discurso que orienta muitas das práticas sociais discriminatórias, porém dignas de respeito e pseudo-sacralização de setores conservadores da sociedade, instiga a mobilização de dois grupos que protagonizam o livro *Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaço*. O primeiro grupo se refere às travestis brasileiras. O segundo, composto por geógrafas e geógrafos feministas do Brasil, Chile, Alemanha e Aotearoa (Nova Zelândia).

Organizado por Joseli Maria Silva, Márcio Ornat e Alides Batista Chimin Junior *Geografias Malditas* reage ao contexto brasileiro de pouca permeabilidade às questões de sexualidade no enquadramento hegemônico da produção geográfica. Tal como afirmam com toda clareza e precisão as pessoas que organizaram o livro, é constante a inquisição acometida aos estudos sobre espaço, gênero e sexualidades devido ao argumento de pseudo desajuste com os critérios de cientificidade. Contudo, a negativa dada aos estudos que exploram a temática é, toda ela, fundamentada na não cientificidade que construiu e ainda alicerça a produção geográfica brasileira “consolidada”.

Para além de uma introdução, o livro é iniciado na forma de manifesto que desestabiliza a ordem do discurso geográfico brasileiro que marginaliza os estudos sobre sexualidade. O texto inicial explora as expressões de rejeição, ameaça e condenação como ingredientes do campo científico diante de práticas de pesquisa e divulgação dos

trabalhos desenvolvidos sobre gênero e sexualidade pelo Grupo de Estudos Territoriais (GETE), cuja organização do livro está vinculada. Expressa também o modo explícito pelo qual alguns geógrafos e geógrafas qualificam os estudos sobre as espacialidades travestis, considerando-os como não científicos. Até mesmo a desqualificação insustentável de seus textos pelos conselhos editoriais, das mais imponentes e prestigiadas revistas da geografia brasileira, é rico objeto de reflexão introdutória.

Tais atributos iniciais do livro são suficientes para instigar a uma leitura interessante de todos os cientistas realmente críticos e que têm um pouco de sensibilidade, leitura e reflexão para compreender não só a cultura e o espaço, mas as relações de gênero e as sexualidades como construções sociais, temporais e espacialmente situadas.

A inovação que vem da periferia da produção geográfica e a prática cotidiana de seres e corpos considerados como abjetos é o que faz do livro marginal, porém, celebre marco na geografia brasileira. Isto pode ser afirmado devido ao primoroso protagonismo dado às travestis na primeira parte, intitulada *Geografias travestis, por elas mesmas*. Não se trata meramente da enumeração de relatos de sofrimento e experiências com preconceito, discriminação e violência. Mas um exercício de desconstrução, inspirado no espaço vivido, percebido e concebido pelas pessoas pesquisadas. Concretamente, as travestis não somente produzem espaço, mas, sobretudo, encontram a possibilidade de

produzir as suas versões dele. Logicamente, distantes da ordem do discurso geográfico, as interpretações travestis da realidade contrariam a instituição de ausências e silêncios que perpassam a geografia brasileira e que poderiam ser reconhecidas como tradição. Neste livro, as ausências, os silêncios e, somando, a discriminação e o preconceito acadêmico direcionado às reflexões sobre corpos, sexualidades e espaços são entendidas como maldição, uma parte obscura da tradição geográfica brasileira.

Os textos elaborados pelas travestis têm quatro eixos em comum. O primeiro revela o sentimento de diferença na escala do corpo das travestis, a relação com os outros, suas trajetórias de vida e as dificuldades enfrentadas. O segundo eixo, destaca a luta cotidiana das travestis e as alternativas de sobrevivência por elas encontradas na atividade da prostituição. Este segundo eixo desnuda alguns feixes de relações de poder em que estão presentes os clientes, as cafetinas, amigas e evidenciam práticas de mudança do corpo (e toda atividade de manutenção da aparência confortável à atividade da prostituição), múltiplas performances desenvolvidas por elas nas ruas e casas noturnas, práticas ilegais e a postura diante de violências e da morte. O terceiro eixo, vincula suas existências espaciais a complexidade da luta por direitos à cidade, ao mercado de trabalho e a todas as demandas para uma vida digna. Por fim, o quarto e último eixo, é alimentado pelos sonhos e perspectivas de futuro que indicam que a espacialidade humana pode contemplar o sentimento de respeito e solidariedade face a diversidade de orientações sexuais.

O texto apresentado por Debora Lee ilustra a trajetória e o cotidiano difícil de uma travesti. Ela, simplesmente, sente-se bem do jeito que é e do modo que vive e isso é transportado ao texto. Nenhuma pessoa no

mundo deveria ser tolhida de expressar seu sentimento e seu modo de vida. Mas, não é neste sentido, que apontam as linhas que representam a lembrança de Lee sobre as relações constituídas no seio da família e da escola. Tais linhas se traduzem em imaginação da dor, do sofrimento e da opressão vividas em espaços entendidos como bases da formação pessoal e cidadã.

A espacialidade da prostituição é descrita por Lee como permeada por práticas ilegais e violências, tais como o uso de drogas, uso excessivo de hormônios e bombas, pelos furtos, agressões, homicídios e a competitividade inerente a toda relação comercial. Por outro lado, na atividade da prostituição, assim como na intervenção política, há espaço para a solidariedade e a afetividade que orientam os passos e os sonhos de Débora na militância LGBT da cidade em que vive.

Leandra Nikaratty apresenta no seu texto, alguns dos atributos da interdição espacial dedicada às travestis pela sociedade heteronormativa. A vivência de Leandra reflete espaços permitidos ao conjunto heterossexual, mas simultaneamente dificultados à presença de corpos que subvertem a ordem moral e sexual instituídas. Os exemplos, enfatizados por ela, indicam o espaço escolar do ensino básico e técnico como repulsores das travestis ao acesso a formação intelectual e profissional. O mais marcante em seu texto é o fato da interdição contribuir para o desvanecimento de sonhos e perspectivas de trabalho que, por sua vez, impõe cotidianamente às travestis a prática da prostituição.

Fernanda Riquelme conta-nos uma trajetória de vida marcada pelo paradoxo entre glamour e violência. Relata a iniciação homoerótica durante internamento em instituição religiosa (seminário), evidenciando a indução de práticas homossexuais pelos próprios padres já

adultos. O texto de Fernanda revela a importância do olhar sobre a trajetória de vida de uma travesti, desde a (re) definição de seu nome, até suas relações com muitas outras que partilharam das mesmas batalhas. As citações que se referem às amigas e travestis com quem ela conviveu, ilustram uma cartografia frequentemente oculta das redes de amizades e dos encontros da vida. Fernanda não apenas conviveu com pessoas semelhantes pela aparência ou sentimento de exclusão e estigmatização, mas com cabeleireiras, maquiadoras e também profissionais do sexo, pessoas com quem partilhou conhecimentos, gostos, amores, frustrações e alegrias muito diversas.

A vivência de Fernanda, do ponto de vista geográfico, também pode ser entendida pelo paradoxo entre a positividade do glamour, enraizado nas relações que estabeleceu ao longo de sua vida travesti, nos territórios da prostituição e a negatividade das consequências sociais da ruptura com a heteronormatividade. Os efeitos de sua orientação sexual no espaço urbano estão ligados a discriminação e a agressividade próprias do conservadorismo reinante na cidade de Ponta Grossa-PR. Um dos principais aspectos deste paradoxo, destacado por Riquelme, é o fato de que na vivência territorial travesti a clientela masculina se mostra encantada e muito presente durante a noite. Eis a demanda pela prostituição travesti que reside no desejo dos homens por mulheres que possuem genitália masculina. Ao mesmo tempo, a possibilidade de sobrevivência econômica das travestis sob bases espaciais do contexto urbano. Contudo, o sonho e a vontade mais atuais de Mila Moreira, Fahah Fawcet e Fernanda Riquelme caminham em outra direção, de um lugar diferente para trabalhar, de demonstrar capacidade profissional em outro ramo de trabalho e viver num mundo com direitos efetivamente igualitários.

Gláucia Boulevard resume em seu texto as transformações sociais, psicológicas e físicas das travestis ao longo do tempo. 'Menino com jeito de menina', foi expulsa de casa aos doze anos, humilhada pelo pai e rejeitada pelos familiares. Vítima do constrangimento e do abandono, morou por muito tempo na rua. Adotada e logo rejeitada pela senhora que a abrigou (devido à homossexualidade), já roubou para comer e para ter o que vestir. E foi na rua, que algumas travestis ajudaram-na com um teto, comida, roupas, solidariedade e afeto. Aceitaram-na numa casa de cafetina, deram-lhe hormônios e contribuíram com o processo de transformação de seu corpo. Esse processo é narrado por Gláucia como um relevo de altos e baixos. O desejo de fortalecer sua feminilidade foi tão intenso que levou-a até a depressão. Ela conta a dificuldade de se relacionar com o próprio corpo, na realidade, um novo corpo que era entendido como não sendo o seu. A fixação por adquirir novas feições motivou pensamentos suicidas e problemas psicológicos.

Todavia, o diálogo sobre o corpo também ocupa o espaço público do elogio e do flerte na narrativa de Boulevard. A experiência com a prostituição trouxe a ela o estímulo pelo assédio masculino, pelo glamour das boates e *closets* na batalha da rua. Glamour só impactado em conflitos com as travestis mais velhas, pela competitividade do *close* e do fato destas não tolerarem travestis cuja feminilidade fosse interpretada como mais latente. A relação com o corpo, a partir da narrativa de Gláucia, revela-se central na dinâmica da vida cotidiana e na vivência territorial travesti. Uma frase sintetiza o sentido que o corpo adquire para ela: “*Nós mudamos o tempo todo, a forma como olhamos o mundo, nossos corpos e a relação de nossos corpos com este mundo*” (Boulevard, 2013, p. 73-74).

A Parte 2 do livro, intitulada *Trajatórias de conhecimento conjunto produzido pelo Grupo de Estudos Territoriais e as Travestis*, apresenta um itinerário de estudos sobre as sexualidades, notadamente vinculadas à dimensão do corpo e aos territórios da prostituição. O conjunto de artigos também sintetiza uma trajetória de pesquisa voltada a compreensão dos espaços de vivência das travestis e que implicam uma série de desafios à geografia brasileira contemporânea, na perspectiva de torná-la ainda mais aberta e plural.

O primeiro texto, da segunda parte, é desenvolvido por Silva, Ornat, Cesar, Chimin e Przybysz e marca um importante questionamento ao campo epistemológico da geografia brasileira, pela escassez do interesse na dimensão espacial do corpo. Os autores enumeram as principais abordagens do corpo, que já fazem parte do temário das geografias feministas e *queer*, para enfatizar que é enriquecedora a realização de estudos da relação entre corpo e espaço no contexto brasileiro. Em seguida, através de uma extensa e intensa pesquisa bibliográfica e de observação de artigos geográficos de grande relevância e difusão, afirmam que optar pela escala de análise 'corpo' se constitui numa maneira de dar inteligibilidade à relação entre o espaço e a humanidade.

Pensar e agir cientificamente entendendo o corpo enquanto lugar são compreendidos pelos autores, portanto, como componentes de um grande desafio para análise geográfica. Haja vista, que a história do pensamento e produção geográfica no Brasil é contada, insistentemente, de forma etapista, periodista e, consagrando determinados paradigmas, autores e localidades centrais. O texto enfatiza que esses atributos epistemológicos da geografia brasileira dificultam a pluralidade temática e sua difusão pelo espaço acadêmico. As possibilidades de realizar outros questionamentos científicos,

neste cenário, é explicitada pelo GETE com a intenção de instigar e provocar a comunidade geográfica à refletir sobre espaço e lugar interpretando o corpo enquanto elemento importante para a análise e construção de outras imaginações geográficas.

O texto de Joseli Maria Silva problematiza a dimensão discursiva do espaço, enfatizando que o discurso heteronormativo é componente do espaço e que isto implica em interdição do discurso e das vivências espaciais das travestis. A elas, via de regra, não é garantida a vivência urbana livre de preconceitos e de variadas práticas homofóbicas.

Fundamentando-se na discussão difundida nas geografias feministas e *queer*, Silva enumera importantes estudos sobre corpos abjetos, tais como as *transgender* e, considera deslocada a transposição teórica para o caso brasileiro, situado nas vivências travestis. A autora desenvolve a ideia de espaço interdito apoiando-se, insistentemente, nos discursos das travestis entrevistadas e que se referem a múltiplas vivências no espaço urbano. Estas, são caracterizadas pela estigmatização e interdição de espaços. A interdição é apresentada pela autora na análise de espacialidades do corpo, das instituições escolares, hospitais, unidades de saúde, exército, igrejas e outros espaços, tais como os clubes, danceterias e restaurantes. O texto ainda identifica que as espacialidades da prostituição, da rua, da casa e da ONG (movimento social) são caracterizadas pela integração e aceitação social, isto é, são lugares em que as travestis se sentem bem e podem expressar com liberdade sua identidade e sexualidade. Os lugares de aceitação, apresentados no texto de Silva, como aqueles que possibilitam reagir a interdição criada em outros espaços. Eles se expressaram no texto através das vozes das travestis, da reflexão sobre suas práticas não-normativas e o sentido transformador que elas carregam.

Marcio Ornat, no texto: *A instituição do território paradoxal na atividade da prostituição travesti*, apresenta uma possibilidade de reconstrução do conceito de território. Até, então, definido a partir das noções de *insiders* (os de dentro) e *outsiders* (os de fora), o conceito de território pode contemplar o paradoxo das relações de poder que (re) posicionam os sujeitos entre centro e margem numa configuração territorial complexa. Seu texto dialoga, ao mesmo tempo, em que se opõe a tendência conceitual estabelecida sobre o território através de uma intensa atividade empírica. Esta consistiu na captação e análise de conteúdo de narrativas de travestis obtidas a partir de entrevistas em profundidade. A análise das categorias discursivas e espaciais reflete uma questão de partida intrigante e vinculada aos territórios instituídos por corpos que subvertem a falsa regularidade dos padrões espaciais da heteronormatividade. O cotidiano das travestis é considerado a partir das mais distintas escalas, tais como a cidade, o território e a casa.

No quarto texto, da segunda parte de *Geografias Malditas*, Márcio Ornat novamente apresenta uma contribuição ao debate sobre a perspectiva de território paradoxal a partir de uma análise empírica das vivências travestis. Desta vez, o geógrafo adota uma combinação das noções de centro, margem e descontinuidade. A opção teórico-metodológica resulta numa proposta teórica que dá nitidez a dinâmica complexa das relações através e entre territórios. Estes últimos são interpretados a partir de redes de conexão regional e até internacional, estratégias de deslocamento espacial, de controle e gestão da atividade da prostituição no Brasil Meridional.

Joseli Maria Silva, no texto: *Interseccionalidade e mobilidade transnacional entre Brasil e Espanha nas redes de prostituição*, apresenta elementos

para a compreensão de como as categorias identitárias raça, classe, gênero e sexualidade são acionadas por travestis brasileiras nas experiências com a prostituição na Espanha. A pesquisa explorada no texto identifica que as travestis mobilizam facetas identitárias múltiplas, de acordo com os contextos espaciais conectados à prostituição. A brasilidade, expressa em atributos identitários ligados à nacionalidade ou a estética sensual e sexual influencia para que a vivência da interseccionalidade das travestis seja interpretada para além da fixidez das definições de identidade de grupos ou categorias analisadas isoladamente (ou gênero, ou classe, ou sexualidade). Ao mesmo tempo, o texto atenta para a mútua instituição de espacialidades e identidades fluídas.

O texto seguinte, de Vinicius Cabral, Joseli Maria Silva e Marcio Jose Ornat discute a relação entre espaço e morte a partir do conhecimento partilhado pelas travestis na cidade de Ponta Grossa. As narrativas analisadas se referem a morte entre travestis, especialmente, ao fenômeno da morte precoce. Um traço hostil da sociedade heteronormativa é descortinado no texto, na medida em que identificam a casa, o território da prostituição, hospitais e a cidade em geral, como espaços de vulnerabilidade ao risco de morte. Esses espaços, analisados à luz das representações sociais elaboradas pelas travestis, estão relacionados com alguns elementos que compõem suas experiências cotidianas, tais como a exclusão, violências física, psicológica e preconceito. O estudo da relação entre espaço e morte na vivência travesti é reveladora de duas demandas socioespaciais. Uma delas, tem a ver com luta por justiça diante das estatísticas estereotipadas de homicídios, a outra, refere-se a luta pelo respeito a diversidade e liberdade sexual.

A terceira e última parte do livro, nomeada como *Diversos espaços, múltiplas realidades*

*trans*, resulta do diálogo realizado ao longo da trajetória do GETE, com geógrafas e geógrafos do mundo, sobre o tema espaço e sexualidades. Os artigos da última parte revelam diferentes contextos em que as sexualidades dissonantes tomam desdobramentos políticos e espaciais específicos.

Jan Simon Hutta e Carsten Balzer são os autores do primeiro artigo, que consiste numa importante historização da trajetórias de pessoas trans e travestis no debate político do Ativismo LGBT no Brasil. Precisamente, Hutta e Balzer revelam não somente a inserção do T na sigla, mas um processo histórico de luta contra a discriminação e preconceito transfóbico. O convívio social das pessoas trans e travestis no contexto da ditadura foi marcado pela violência praticada pelo Estado. O texto em questão, evidencia que certos elementos desta discriminação e opressão, outrora legitimadas por instituições como a polícia encontram-se ainda preservados no ponto de vista social hegemônico e isso implica a necessidade de compreender o contexto do ativismo LGBT. As mudanças da política nacional de direitos humanos e dos ativismos trans e travestis, dos últimos anos, é revelada de maneira politizada no texto que pode ser considerado como importante contextualização da visibilidade do grupo, de sua trajetória de intervenção política e da relação entre a geografia e ativismo.

Lynda Johnston e Robyn Longhurst contribuem com o texto *Geografias Trans (icionais): corpos, binarismos, lugares e espaços* que relata as experiências de Sara e Cindy em Hamilton e Auckland, duas cidades da Nova Zelândia. As narrativas de duas pessoas que realizaram a transição de homem para mulher, revelam como as vivências em espaços e lugares são negociadas de diferentes formas. A análise das falas das entrevistadas também contribui a reafirmar a

crítica aos binarismos e da construção social hegemônica do corpo.

O último texto do livro, de Martin Ignacio Torres Rodriguez e Raul Borges Guimarães, observa o cotidiano de pessoas transexuais de Santiago no Chile e problematiza o modo como as experiências múltiplas de transexuais são embaçadas e reconhecidas como práticas subversivas. Os autores se utilizam do conceito de espaço interdito, desenvolvido por Silva, para compreender as vivências espaciais das transexuais no espaço urbano a partir de espacialidades de visibilidade e socialização, o centro da cidade como área atração habitacional do grupo estudado, a escola como espaço de discriminação, assim como as instituições legais, hospitais, universidade e a rua.

O contexto de publicação de *Geografias Malditas* e da escrita desta resenha é marcado por intensas lutas travadas, mutuamente, no campo das políticas de direitos humanos e epistemológico da geografia brasileira. Nestes campos, há um número considerável de questionamentos sobre validade. Na política dos direitos humanos a validade da garantia de direitos igualitários para a população LGBT é questionada por setores conservadores da sociedade. A visibilidade da população LGBT, apesar de inquestionável, é vilipendiada na unguida posição das bancadas evangélicas nas esferas legislativas estaduais e federal. O aporte dado a esses grupos pela coalizão governamental culminou com a nomeação de um pastor da Igreja Assembleia de Deus à presidência da Câmara de Direitos Humanos do Congresso Nacional. Nomeado como homofóbico e racista pelos movimentos sociais que utilizam da tecnologia das redes sociais de informação, evocando frases que afirmam que o autoproclamado representante de Deus na sociedade e campo político formal, não vos representa. Projetos de lei são encaminhados na calada da noite às pautas de votação com intuito de proteger o modelo

## **RESENHA: Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaços**

familiar sob os princípios da heteronormatividade e de promoção de políticas públicas voltadas à pretensa cura da população LGBT. Tais grupos marginalizados são classificados, ora como situados fora dos planos divinos para a constituição familiar, ora como seres patologicamente anormais.

Os discursos que fundamentam a defesa de tais posições retrógradas, não somente ecoam no ambiente acadêmico, mas nele se impregnam. A difusão do discurso político conservador e as práticas acadêmicas masculinistas e sexistas que buscam preservar a heteronormatividade se constituem como dispositivos interatuantes, são evidência concreta da potencialidade dos conceitos à intervenção no real. Enfim, o livro resenhado, convida leitores da geografia e demais campos das ciências sociais e humanas a refletir sobre as diferentes geografias das sexualidades e as possibilidades de construir uma visão mais aberta e humana e uma ciência consciente da diversidade.

**Recebido em 27 de agosto de 2013.  
Aceito em 29 de dezembro 2013.**

**Rodrigo Rossi**

269